

Maricel Mena López
Daylins Rufin Pardo
José Guerra Carrasco

Apresentação

Tradução: José Ademar Kaefer

A apresentação deste número da RIBLA que hoje recebemos é diferente. Este número chega a nós no contexto da partida do nosso querido Lauren Fernández, que foi o editor da nossa revista por mais de 30 anos. Hoje escrevemos não apenas como grupo editorial, mas em nome de muitas outras vozes alcançadas e entrelaçadas nesta família da RIBLA, e com o coração pulsante e enrugado dizemos: Obrigado, Padre Lauren, por seu amor infinito, por sua paixão pela Bíblia, por ter sido a coluna vertebral deste projeto que você teceu com força de amor e vida, integrando-nos e aproximando-nos como um só corpo na comunhão do serviço a partir de uma diversidade tremenda. Sua risada, amorosidade, calor humano e amor pelas pessoas mais vulnerabilizadas fez com que escrevêssemos não apenas para um público acadêmico, mas principalmente para as comunidades empobrecidas da nossa América Latina, e assim continuaremos a fazê-lo.

Este número, dedicado ao livro de Levítico, traz implícito um desejo: poder desvendar fundamentalismos históricos codificados neste corpo legal. Nosso objetivo é questionar o processo de hierarquização religiosa e, especialmente, de um monoteísmo religioso fundamentado na exclusão de corpos de homens, mulheres, meninas e meninos que saem do ideal de pureza sacerdotal ou que, pelo contrário, tentam ser moldados de acordo com eles. A catalogação de pessoas como puras e impuras, tão presente na dinâmica deste livro, fundamenta discursos teológicos que promovem e legitimam a discriminação e a exclusão. O esforço de todos os aportes contidos neste número tem o objetivo comum de fornecer ferramentas para se posicionar criticamente em relação a isso.

O livro do Levítico é habitualmente considerado um manual de leis e rituais que regulam a vida religiosa, moral e social de Israel. Isso se deve à vinculação de seu nome com a tribo de Levi, encarregada do sacerdócio e de velar pela santidade de Deus e a necessidade de que seu povo seja santo (Levítico 19,2). O paradoxo deste ideal de santidade é que, em vez de aproximar o povo de Deus, prepara Israel para ser um povo apartado em nome desse Deus. Outra questão diz respeito à categoria do poder, pois acaba dando autoridade aos sacerdotes para conhecer todo o mistério revelado, deixando apenas para os fiéis corresponderem com um

“amém”, ou no melhor dos casos, por meio da repetição de interpretações textuais descontextualizadas, ao nos considerarmos intermediários e guardiões de Deus por meio de sacrifícios e obediências. Acreditando que com isso se alcançava um ideal de pureza análoga à do próprio Deus, acaba se colocando sobre os corpos e vidas do grupo de fiéis o mandato de se tornarem guardiões de suas irmãs e seus irmãos, o que comprometia perigosamente a proposta de ser uma comunidade em horizontalidade.

Por considerar-se este corpo legal eminentemente sacerdotal, é que esse tipo de interpretações tem sido constante até os nossos dias. Mas, na verdade, esses códigos são seculares; neles se pressupõe uma distinção entre normas legais-religiosas e ético-morais. Portanto, os códigos de leis do Antigo Testamento não são direito divino, e não contêm nenhuma norma ético-moral, como são encontradas em coleções de sentenças sapienciais. Eles se referem a eventos religiosos, em relação a instituições legais, mas nunca encontramos neles qualquer determinação sobre temas como a construção do altar, a oferta de sacrifício, os tributos culturais e as regras sacerdotais. Também não contêm fundamentações teológicas ou determinações constitucionais sobre a investidura de reis.

Albrecht Alt (1934) nos diz que o *Sitz im Leben*, ou seja, o "contexto vital" do direito israelita está na jurisprudência cotidiana praticada diante da porta das cidades. Este autor fala do direito "apodítico" e do direito "casuístico" e os distingue. O primeiro refere-se a sentenças, mandamentos, proibições, maldições, sentenças jurídicas que vêm do âmbito do culto e da religião de Israel. O segundo refere-se a sentenças relacionadas ao direito do Antigo Oriente, portanto, originárias. Entender como ocorre esse processo de sincretização legal no que se refere ao religioso é importante, pois nos ajuda a eliminar da nossa mente a ideia de que Israel nasceu desde sua origem com um corpo legal codificado. De fato, o livro do Levítico, embora fundamentado em tradições anteriores, é fruto literário do que conhecemos como "escola sacerdotal", cuja origem é exílica e pós-exílica.

Além dessas discussões, é importante reconhecer que o direito israelita é parte de sua história, por isso é importante uma aproximação histórico-social e literária a um corpus textual como este, que se baseia em erigir normas, deveres e direitos. Nesse sentido, o primeiro artigo de *Sandro Gallazzi* explora a influência dos sacerdotes do Segundo Templo na formação da Bíblia hebraica, argumentando que seus escritos buscavam consolidar um poder teocrático alinhado com os interesses dos impérios persa e helenístico. Consideramos que este trabalho, sem dúvida, constitui um preâmbulo indispensável para entender como a teologia sacerdotal influencia a compreensão do Pentateuco como um todo.

Em seguida, *Luiz Alexander Rossi* analisa o contexto socioeconômico e político da província de *Yehud* (a Judá pós-exílica, sob domínio persa), e as teologias que surgiram nesse período. Apesar de não ser

estratégica, nem geograficamente e nem economicamente, Yehud sofria uma carga fiscal opressiva imposta pelo império persa e pelas elites sacerdotais, que criava uma situação de miséria generalizada na população. Esse cenário político e social, no entanto, deve ser compreendido à luz da história literária do texto; é assim que *Sue'Hellen Monteiro de Matos* nos introduz, então, nos aspectos literários do livro do Levítico, iniciando por sua localização dentro do Pentateuco, e abordando sua estrutura literária em função da linguagem, do estilo e dos conteúdos temáticos. As cinco unidades estruturais propostas por *Sue'Hellen* são as mesmas que determinaram o critério de organização de cada um dos estudos apresentados neste número desde que começamos a concebê-lo.

Na primeira unidade do livro do Levítico (capítulos 1-7) concentram-se as leis relativas aos sacrifícios. O primeiro texto desta unidade temática é de *Ruben Marcelino Bento da Silva*. Aqui o autor nos propõe uma análise exegética do capítulo 1, na qual combina análise linguística, organização literária e reflexão teológica sobre o culto israelita. *Érica Daiane Mauri*, por sua vez, se concentra em analisar duas perícopes deste bloco literário: Levítico 3,1-17 e 7,11-34, pois em ambas temos um tipo de ritual chamado *zebah shelamim* que, segundo a autora, é a adaptação ritual de uma antiga tradição, estruturada em seis etapas que culminavam com a distribuição das porções do animal entre os sacerdotes e o ofertante, seguida de um banquete festivo (Lv 17,18-36). Este ritual se consolidou com a centralização religiosa impulsionada pelos reis Ezequias e Josias, alcançando sua máxima formalização no período pós-exílico sob o controle sacerdotal.

A segunda unidade (capítulos 8-12) é tradicionalmente conhecida como "a lei dos sacerdotes", por trazer uma série de prescrições de ordem estritamente sacerdotal, que incluem leis dietéticas e sobre parto. Aqui, *Pinky Riva* nos oferece um estudo exegético de Levítico 10, prestando atenção à análise linguística, literária e semântica. Questiona interpretações tradicionais, relacionando o texto com realidades sociopolíticas e culturais atuais. Combina exegese textual com hermenêutica contextual, destacando a relevância do episódio (Lv 10) para reflexões teológicas e sociais a partir da América Latina. *José Andrés Obando Ramírez*, por outro lado, nos convida a partir da análise textual de Levítico 11 como uma instância de reflexão para priorizar a dignidade humana acima dos legalismos rituais de pureza e impureza.

A seguinte unidade (capítulos 13 a 18) contém textos referentes às impurezas e purificações. O primeiro texto é de *Sandra Nancy Mansilla*, que, a partir do estudo exegético de Levítico 13 sobre a lei relativa à lepra humana, convida a estabelecer um diálogo sobre três aspectos que subjazem na trama do texto: a dinâmica social, a tensão entre a ordem e o caos e a busca de significado. Com isso, propõe um olhar sobre a necessidade de

integração social da doença. O estudo do capítulo 14 é apresentado por *Nancy Cardoso*. Esta autora nos leva a compreender, a partir de seu lugar de releitura, o valor da “antropologia da casa” e da biodiversidade como categorias para entender a casa como espaço liminar e de passagem entre corpo - casa - cosmos, e nos perguntar a partir daí sobre a possível reciprocidade de Levítico 14,35 a 53. *Marilú Rojas Salazar* nos apresenta uma análise intertextual de Levítico 15,19-33 e Mt 26,27,28; a autora analisa como a categorização de impureza associada ao corpo das mulheres, especialmente devido à menstruação, tem sido historicamente utilizada como justificativa para sua exclusão em âmbitos religiosos e sociais. Enquanto o sangue menstrual é considerado contaminante, o sangue derramado por homens (em batalhas ou martírios) é glorificado, revelando uma dupla moral patriarcal. *Marcos Paulo Bailão* estuda o dia da purificação introduzindo-nos em uma análise de Levítico 16. O ritual do Dia da Purificação (*Yom Kippur*) é o resultado de um longo processo histórico e redacional. O que possivelmente começou como um rito pontual para buscar a libertação de uma tragédia específica, evoluiu até se tornar uma celebração anual elaborada e solene.

Maria Antônia Marques traz uma visão que aprofunda a crítica ao sistema do templo, através das leis de pureza e da culpa individual, ao analisar o tema do sangue da expiação de Levítico 17. Este bloco é encerrado por *Daylins Rufin Pardo*, que nos oferece uma exegese de um dos capítulos centrais da Torá (Lv 18), cujas leis se concentram nas relações conjugais e sexuais. Partindo de uma análise textual, gramatical, morfológica e filológica, a autora recorre à hermenêutica da suspeita, questionando o lugar real e simbólico dos corpos regulados, especialmente o das mulheres e das minorias sexuais. Ela contribui para a compreensão do corpo individual e coletivo, como categorias de sentido para evitar cair em situações e superar a violência hermenêutica tão comum em interpretações literalistas do texto.

A quarta unidade (capítulos 19-24) denominada por Sue Hellen Matos como "unidade focal", contém uma série de prescrições éticas, sociais e religiosas. O primeiro artigo deste bloco chega através de Enrique Vega Dávila, e aborda em perspectiva exegético-hermenêutica as chamadas faltas à família. O autor *Juan Esteban Londoño*, ao trabalhar Levítico 22,10-16 nos desafia a refletir sobre "a ficção de uma pureza originária" e repensar contextualmente como esta categoria pode ser usada para promover a inclusão nas lutas sociais contemporâneas, neste mundo nosso, tão necessário de resistências diante da exclusão e da discriminação.

Finalmente, *Maricel Mena López*, a partir da proposta estrutural do livro, oferece uma leitura nova ao decodificar as sete festas do calendário judaico. A autora propõe uma releitura dos rituais e festas de Levítico 23, interpretando-os não apenas como celebrações ligadas ao ciclo agrícola e de fertilidade, mas como espaços onde o divino feminino se manifestava, e

onde as mulheres tinham um papel protagonista. No entanto, após o exílio babilônico, impôs-se uma teocracia sacerdotal masculina que absorveu e reinterpretou essas tradições femininas, marginalizando sua participação.

A quinta unidade (capítulos 25-27) chamada de Redenção não foi abordada neste número devido aos limites da revista, por um lado, e por outro seguindo o critério de privilegiar textos algumas vezes menos abordados e com temas que ecoam urgentemente em problemáticas que estamos enfrentando "americanamente".

A propósito da Mãria Grande, não queremos encerrar nossa introdução sem recuperar a memória de nosso amado Lauren, que fez destas terras a sua. Irmão de dores, parceiro de caminhada e companheiro no compartilhar e desgranar o pão da comunhão da Palavra. Como digno Missionário do Verbo Divino, também nos animou com suas palavras, feitas numa chamada de atenção, numa reflexão certa, numa anedota daquelas que são para pensar, e também de uma ou outra piada, feita canto. Entre as muitas coisas que seu coração atento sentipensou nos ficam textualmente dois chamados, duas frases que queremos trazer neste momento, não para encerrar o texto, mas para prosseguir o caminho: "Não esperemos que o mundo seja construído amanhã, mas vivemos hoje..." "não desistamos porque Deus se comporta bem, nos dá muitas alegrias".